

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2461

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 955; Província, 3 ms. 2855; África Portuguesa, 6 meses 6650; Estrangeiro, 6 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO

Um caso grave

Os hospitais atravessam há muito tempo uma situação desesperada. Os seus recursos financeiros não lhe permitem uma existência desafiada. Há falta de instalações apropriadas, há falta de material cirúrgico e falta pessoal para atender as exigências do já grande movimento hospitalar.

Numa série de artigos demos ao leitor uma pálida ideia da situação dos hospitais de Lisboa e do Algarve.

Nos da capital notam-se bastantes deficiências que só poderiam remover-se criando-se uma receita maior do que a que lhe é destinada. Confessemos que com os actuais recursos não é possível fazer-se melhor. Enquanto esses recursos não forem aumentados com novas receitas os hospitais de Lisboa serão o que os nossos leitores já conhecem.

Com os hospitais da província o caso é mais grave. Vivendo apenas de um pequeno subsídio e de algumas dádivas, esses hospitais não podem realizar um trabalho proveitoso. Os enfermos que ali recebem na esperança de se curarem, saem convencidos de que não é possível fazer-se qualquer cura.

Conhecemos alguns que não reúnem as mais elementares condições de estabelecimentos de cura. Material cirúrgico e pessoal de enfermagem são coisas quasi ignoradas nesses hospitais.

Uma fractura de crâneo, hoje tão vulgar nos hospitais da capital, não pode ser tratado ali porque lhe faltam condições para o fazer. Todavia médicos, e dos mais distintos, não faltam e tão distintos eles são que quando veem para Lisboa se celebrizam.

Para se acabar com esta situação era mister que o Estado dotasse esses estabelecimentos dos meios necessários para viver.

Mas é que se dá exactamente o contrário. A complicada engrenagem burocrática que nos asfixia torna ainda mais difícil a existência dos hospitais.

As instituições de beneficência—e neste caso estão compreendidos os hospitais—recebem subsídios do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios, para a sua manutenção, por intermédio de comissões concehidas. Como estas comissões não reúnem, os subsídios nunca podem ser entregues aos hospitais!

Se a sua situação era crítica recebendo o subsídio do Instituto de Seguros Sociais em dia, com a falta da sua distribuição ela tornou-se desesperada.

As suas receitas são exiguas e a sua despesa é elevada.

O caso é grave, muito grave mesmo! As consequências da negligência dessas comissões vai ser paga pelo povo.

Em virtude deste e doutros casos iguais tinhamos nós razão quando defendemos para os hospitais uma ampla autonomia.

O mundo burguês

Calles não se cala a confusão
MEXICO, 8.—O presidente Calles desmente categoricamente as acusações formuladas contra o seu governo, caracterizando-o de bolchevista, afirmando que são tendenciosas alegações não espalhadas pela propaganda norte-americana, que deseja desacreditar o México perante o mundo civilizado.—L.

A «franqueza» de Poincaré na questão do franco
PARIS, 8.—O sr. Poincaré declarou ontem, durante o debate sobre as leis de finanças, ser absolutamente partidário da estabilização de facto, antes da estabilização legal. O chefe do governo acrescentou que a França, tendo organizado a amortização, assegurou o equilíbrio orçamental e detido a alta dos preços, resta-lhe apenas fazer a restauração monetária e conjurar o perigo económico, intensificar a produção metropolitana e colonial, para a qual o governo apresentará em janeiro próximo o respectivo programa.—L.

Uma cidade que progride
BERLIM, 8.—O município contraiu um empréstimo de 20 milhões de dólares, para melhoramentos eléctricos na cidade.—L.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO
Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no género se publica

Assinem Os mistérios do Povo

Confederação Geral do Trabalho

Comité Confederal

O Comité Confederal, ao tomar posse dos cargos para que foi nomeado em sessão do conselho confederal de 26 do p. p., saúda afectuosamente o operariado do país, assim como os trabalhadores de todo o mundo.

O Comité Confederal, integrado nos princípios do sindicalismo revolucionário, e portanto anti-colaboracionista, que norteiam a Central Operária e que lhe foram demarcados especialmente, nos congressos da Covilhã e Santarém; coerente com estes princípios e atendendo à necessidade que existe de promover uma maior união das classes trabalhadoras, fará quanto possa para dar ao movimento operário aquela coesão que lhe é tão indispensável, dentro desses mesmos princípios.

Alheio às pugnas que no seio da C. G. T. se desenvolveram, sem compromissos de partido ou grupos, o Comité Confederal sente-se à vontade para efectuar essa obra.

Sem receio de qualquer crítica, antes julgando-a indispensável, o Comité Confederal apenas deseja que ela seja feita com lealdade e tendo em mira, sempre, os altos interesses da organização operária, e não apenas com o espírito derrotista e pessoal que, infelizmente, de há tempos se vem verificando, com grave prejuízo e desagregação das forças trabalhadoras.

Tais são os votos e desejos do Comité Confederal que agora tomar posse, e dentro dos quais desenvolverá a sua acção.

O Comité Confederal

ESCLARECENDO DOUTRINA

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Mas, que quere o anarquismo?

Exactamente o tal «espírito livre», «aberto», etc., sem «tutela», o que é a aspiração ampla do libertarismo! Isto é: queremos a mesma coisa, nós, anarquistas—e os tais sindicalistas que dão machadadas com gana no princípio da Autoridade que conhecemos não querem confundir-se!

Porém, admitindo que o libertarismo seja doutrina ou aspiração mais ampla que o anarquismo, como ambas as doutrinas têm aqueles essenciais pontos de contacto, he-mos de concluir que, se os anarquistas podem, na opinião dos referidos sindicalistas, não ser libertários, todo o libertário é forçosamente anarquista, visto o anarquismo caber, por este critério, dentro do libertarismo. O continente, sendo maior que o conteúdo, abrange-o. Logo, o sindicalismo libertário é anarquista.

Ajuntam eles: «não são apenas os anarquistas que andam em busca da liberdade. Os sindicalistas andam também.»

Pois, certamente; nem eu disse o contrário: porisso o sindicalismo revolucionário é o mais amplo em aspirações; tem de ser, e é, libertário; portanto, anarquista.

Alega-se que pretendo confundir sindicalismo com anarquismo.

Não pretendo tal! nem sei que escrevesse que deixasse tal convicção no espírito do leitor. Eu constato apenas o facto de que o sindicalismo revolucionário (não é qual-quer sindicalismo) é ingenuamente anarquico pelas razões já expostas.

Abordando a minha convicção de que não é factível a «unidade» perante as diversas tendências da organização, alegam ainda, como argumento em contrário, que essa «unidade» é factível porque já foi um facto depois do Congresso de Tomar.

Sobre este congresso muito haveria a dizer, mas cingindo-me, apenas, à questão da «unidade», pergunto:

Se a «unidade» foi um facto depois do Congresso de Tomar—e, portanto, «correspondente a uma necessidade imprescindível, proveniente da contextura da organização, dada fatalidade da evolução sociológica» tão indispensável como as folhas o são à planta—por que razão se estabeleceu a C. G. T. com o carácter libertário que define o sindicalismo dela? por que motivo essa tão «viável unidade» teve a vida das rosas e a característica libertária predominante e se tem mantido até hoje? por que é que a «desunidade» perdurou antes e depois de 1914? por que vingaram os princípios filosóficos e construtivos da tese «Organização Social Sindicalista» aprovada nos Congressos da Covilhã e Santarém, e isto, a despeito de tantas e tantas vicissitudes por que passou?

Porque, evidentemente, essa pretendida unidade era um produto artificial e se manifestou num equilíbrio instável; o qual, ao mais pequeno abalo, se rompeu. Nessa unidade tão estranha, andavam-se todos enganando; ela não era realmente sentida; e não era sentida porque não correspondia às necessidades reais da evolução sociológica. E bastou a revolução russa para que os campos se estremessem e o engano de alma ledo e cego não durasse muito.

Essa aspiração era utópica e continua sendo-o: não passa de desejo sem praticabilidade duradoura.

Para admirar é que aqueles, que tanto falam de realizações práticas, de realidades da vida e que tanto apoucam os anarquistas por serem tão idealistas, estejam obsecados por uma ideia irre realizável na prática como os factos de tantos anos têm demonstrado.

Para uma conquista imediata pode-se, num determinado momento psicológico na vida dum país, estabelecer uma união de tendências diversas. A história o mostra. Mas união não é unidade.

A prova de que não estavam todos bem dentro da tal unidade, é que muitos se afastaram da organização.

José Carlos de SOUSA

O MANICÓMIO MISTERIOSO

Afinal, há o propósito de apurar toda a verdade ou apenas o desejo de representar uma farça com as investigações?

Porque não se procede dentro da lógica—A «Casa de Saude» do Campo Pequeno e o que disse o jornal «Última Hora» dela em 1921—Uma descoberta do «Correio da Manhã»—O decreto de 11 de Maio de 1911 e a protecção a um delinquente—Um baile que vai no seu início

Entendamo-nos! Há ou não o propósito de investigar esse estranho caso do Manicómio Misterioso? Há ou não interesse em conhecer o que existe de verdadeiro nas nossas revelações a fim de proceder-se como é mister ou chamarem-nos à responsabilidade como caluniadores? Se há esse propósito porque conseguiram as atenções dos investigadores para a casa do Arco do Cego, onde o sr. Frederico Vilhena apenas improvisou o seu consultório, e para as pessoas que estiveram internadas na Casa de Saúde do Campo Pequeno que o «clisteropata» teve há anos?

Sim, porque, afinal, não percebemos a razão por que se procede de modo contrário ao que a lógica indica. Será para librar da responsabilidade o pupilo do *Correio da Manhã*? Se há esse interesse, então não vale a pena brincar às investigações! Há pelo menos o bom senso de evitar os nossos comentários. Há um pouco de pudor num caso tão grave!

Reproduzimos a conversa havida entre um nosso redactor—que na casa do Arco do Cego se apresentou como cliente—e o sr. Frederico Vilhena. Pela boca deste cavalheiro o leitor soube que na casa da rua Pereira Carrilho os doentes estavam em rigoroso isolamento—perdoem hoje o eufemismo—e que lhes era aplicada uma extranha terapêutica a fim de eles «evacuarem bem».

E' verdade, é mentira? Acaso já se apurou este caso? Não! E não se apurando, como se pode, com justiça, refutar as nossas afirmações?

As provas de nada valem!

Publicamos uma entrevista com D. Lisanda de Oliveira em que se assevera que durante três meses na casa daquela senhora esteve internada, em rigorosa incomunicabilidade, uma louca. O tratamento dado àquela doente também foi explicado. Acaso é nossa invenção o que disse D. Lisanda? Porque se desviavam então as atenções para outro rumo? Decididamente ainda temos muito que nos ri!

De uma conversa com o esposo de uma doente que esteve sete meses incomunicável no prédio da rua Pereira Carrilho extraímos graves revelações que bastante comprometem o sr. Vilhena. Também fomos nós que as inventámos?

Com todas estas provas, quem é que pode afirmar que a nossa campanha não é fundamentada? E sendo assim porque se diz que na «Casa de Saúde do Campo Pequeno» se fizeram curas maravilhosas como o atestam algumas pessoas? Nós não nos

referimos à casa do Campo Pequeno. Falámos na casa da rua Pereira Carrilho—nessa casa que os investigadores não querem aceitar como existindo.

Mas já que tanto insistem no Manicómio Maravilhoso do Campo Pequeno vamos reproduzir o que, em 21 de Fevereiro de 1921 o jornal *Última Hora*, dirigido pelos distintos jornalistas Pinto Quartim e Norberto Lopes, publicou acerca do seu funcionamento:

O que disse um jornal sobre a casa do Campo Pequeno

«Para o Campo Pequeno existe uma dessas casas—referindo-se às «casas malditas de internamento de alienados»—cujos doentes são uma senhora sonâmbula de ofício, e um cidadão vigarista também do ofício. Por vezes não há enfermeiros no *sai-dant* instituído, eles porém saem em direcção à Baixa onde vão exercer os seus *matiers* respectivos. Quem fica então? Os filhos, duas crianças a quem os miseráveis fecham previamente a roupa para que eles se não escapem. Houve já ali um caso trágico. Uma senhora alienada pelo tal processo de insinuação constante, precipitou-se num acesso de loucura, da janela de um primeiro andar, vindo cair à rua onde fracturou uma perna.

Não havia enfermeiros nesse dia! Esta casa pertencia ao sr. Frederico Vilhena e foi nela que se fizeram as curas maravilhosas de que se tem falado para aliviar o «clisteropata» do Arco do Cego! Mas vamos a outro caso. O *Correio da Manhã*, na infeliz reportagem sobre o «Manicómio Misterioso», disse, com aquele sorriso de ingenuo que tem a gente da rua da Barroca, que o sr. Frederico Vilhena Lagos apenas tivera internadas, na sua casa da rua Pereira Carrilho, duas senhoras loucas.

A lei, afinal, é uma grande cantiga...

Uma delas já o leitor conhece, por cujo internamento seu esposo pagava a mensalidade de X. Nessa casa, conforme anúncio publicado no *Diário de Notícias*, recebiam-se loucos para tratamento e conforme foi dito ao nosso redactor as mensalidades eram de 1.200\$00 com enfermagem e 900\$00 sem ela!

Agora vamos a ver. O *Correio da Manhã*—que na fúria de nos atacar já descobriu que o seu director era nosso senhorio, o que aliás todos os meses sentimos—anda muito empenhado em meter na cadeia os intrujões e os curandeiros por eles estarem

fora da lei, e acha muito bem que o sr. Vilhena viva da exploração de loucos. Porquê? Por ele estar ao abrigo da lei? Não! Pelo contrário, como vamos ver.

O decreto de 11 de Maio de 1911—e se invocamos este diploma é porque o órgão monárquico tem um critério unilateral, aceitando apenas que os da causa vivam à margem da lei—que regula o internamento de alienados diz o seguinte:

Como podem fundar-se os estabelecimentos de alienados

Artigo 26.º São instrumentos particulares de assistência todos os estabelecimentos não fundados nem subsidiados, dirigidos ou administrados pelo estado, em que, para isolamento e tratamento, se recebem alienados.

São de três categorias: as casas de saúde, em que a assistência se faz com intuitos lucrativos, as policlínicas ou hospitais comuns, a cargo de instituições beneficentes, e os domicílios privados em que um ou mais loucos se encontram isolados.

Artigo 27.º—Só podem fundar ou adquirir casas de saúde destinadas, no todo ou em parte, ao isolamento e tratamento de alienados:

1.º. Um diplomado em medicina, que tenha feito tirocinio prático num manicómio, ou nele exerça ou tenha exercido funções clínicas, salvo o caso de ser médico-director ou médico-administrador dos manicómios de 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias.

2.º. Pessoa de comprovada honrabilidade, que perante o governador civil do respectivo distrito, se comprometa a fazer, tecnicamente e visitar o seu estabelecimento por um médico psiquiatra.

§ 1.º. Nenhuma casa de saúde pode ser fundada sem que o seu plano seja aprovado pelo respectivo inspector.

As finezas do «Correio da Manhã»

Foram, por acaso cumpridas estas disposições? O próprio sr. Vilhena, fazendo anunciar para a casa do Arco do Cego a admissão de loucos, nos diz que não! Não fomos nós que o denunciámos. Foi ele próprio que se denunciou e o órgão monárquico querendo defendê-lo ainda o comprometeu mais.

Ele que lhe agradeça. Mas há mais. O referido decreto é bem expressivo no internamento de loucos. E já que o *Correio da Manhã* nos convidou à valsa dançaremos. Por enquanto ainda não saímos do fox trot...

OS HOMENS HONESTOS

Pereira da Rosa com material e haveres que pertencem ao «Século» vai fundar um jornal

Pereira da Rosa não desarma. Na iminência de ser expulso do *Século*, onde se entrincheirou de lança em riste como o D. Quichote da lenda, prepara as coisas para se governar e fazer o joguinho dos da grei.

E' muito possível que na assembleia de hoje da Associação Comercial, que ele obrigou a suspender na passada segunda-feira, seja corrido de vez do *Século*. E para não perder tudo foi já procedendo com uma vulgar rapinante.

Há pouco, nas oficinas do *Século* foram fundidos 2.000 quilos de tipo, corpo 6 e 7. Também de Itália chegara, com destino ao mesmo jornal, tipos de fantasia para remodelar toda a tipografia, requisição orçada em cerca de 70 contos.

Na previsão de que a assembleia de hoje os expulsasse, os vendilhões Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Amalal fizeram transportar para uma casa que o primeiro possui próximo do Campo Pequeno todo este material.

Não ficou por aqui o avanço. Com destino «ignorado», mas que toda a gente sabe que será para o jornal *Século XX*—que é como se passará a chamar *A Capital* que Pereira da Rosa comprou ao sr. Manuel Guimarães—foram também bobinas de papel de impressão, tinta para a mesma, frias de baeta para a máquina e massa de rolos.

Na oficina de fotograbura daquele jornal foi também confeccionada uma cabeça igual à do *Século*, mas com as palavras *Século XX*. E alguns artigos de escritório eclipsaram-se também para o novo jornal onde Pereira da Rosa guerreará o *Século*.

Resumindo: Pereira da Rosa prevê uma corrida em osso. E vá de guarnecer-secom o que pertence à Sociedade Nacional de Tipografia para amanhã a combater.

Com esse processo também possuíamos uma admirável tipografia. Mas é que nós não nos confundimos com essa gente. Somos mais pobres, muito mais pobres mesmo, mas mais ricos de honestidade! Podemos afirmá-lo em toda a parte!

Notas & Comentários

Um grande perigo

Como o leitor pode verificar noutra secção, ao hospital de São José foi ontem uma família completa lavar o estômago em virtude de uma porção de carne que ingeriu se encontrar em péssimo estado. Não é o primeiro caso.

E se a tal fiscalização que para aí existe continuar a desenvolver a mesma actividade, é muito provável que toda a população de Lisboa em breve tenha que ir ao hospital de São José lavar o estômago.

Ingratidão

Alves da Cunha, o talentoso artista que às festas de beneficência promovidas pelas entidades oficiais nunca recusou o seu valioso e desinteressado concurso, foi há dias condenado em 360\$00 no Tribunal dos Pequenos Delitos por este «grande e horrível» crime: «não ter visado os cartazes do Teatro Nacional com a data do dia do espectáculo, saindo essa data com a palavra Hoje». Contra este procedimento protestou o distinto artista numa carta enviada a um jornal da tarde nas seguintes e justíssimas frases: «... tal procedimento—referindo-se à condenação—dá vontade a uma classe já tão sobrecarregada com encargos, de prestar o seu concurso a festas promovidas pelas autoridades que tão pouco sabem agradecer o nosso esforço».

São tão justas estas palavras que as aplaudimos calorosamente.

A era da aviação

Vinte e cinco aviões de passageiros

LONDRES, 8.—Uma fábrica inglesa de aviões recebeu do Japão a encomenda de 25 aparelhos para transporte de passageiros e destinados a várias linhas aéreas a estabelecer no próximo ano. Todos os aparelhos serão equipados com motores Napier, de 1.000 cavalos de força cada um, e com acomodações para 15 a 20 passageiros.—(L.)

Através de África

PISA, 8.—Vindo de Tarento, chegou hoje a esta cidade o avião suíço Mittelholzer, que realizou a travessia da África.—(L.)

CEU GELADO

BERNE, 8.—Uma grande avalanche de neve abateu sobre o mosteiro grande de San Bernardo, sepultando cinco monges.—(H.)

Manuais de ofícios

| | |
|---------------------|--------|
| Galvanoplastia | 18\$00 |
| Motores de explosão | 20\$00 |
| Navegante | 16\$00 |
| Cimento armado | 25\$00 |

A época do imperialismo

As ambições dos bolchevistas

TEHERAN, 8.—Segundo informações oficiais, o ministro da guerra partiu para Moscú, a fim de negociar um tratado comercial russo-perso. Corre, porém, o boato de que a missão do ministro da guerra e liga com a recente conferência de Odessa e a visita a Angola do chefe do estado-maior do exército persa.—(L.)

A boa vontade dos americanos

WASHINGTON, 8.—Na sua mensagem ao parlamento, o presidente Coolidge demonstrou a riqueza e o espírito pacífico dos Estados Unidos, mantendo os pontos de vista da proibição e do desarmamento.—(L.)

Uma desculpa dos franceses

PARIS, 8.—O sr. Painlevé, respondendo ontem na câmara dos deputados a uma inter-pelação, declarou que o movimento de tropas no sudoeste da França é simplesmente devido ao repatriamento das tropas de Marrocos e à mudança de aquartelamento de várias unidades.—(L.)

O desarmamento dos alemães

GENEVA, 8.—Os peritos juristas concluíram esta manhã o plano de fiscalização da Sociedade das Nações sobre os armamentos alemães. O conselho dos embaixadores poderá deliberar na sua reunião de amanhã sobre a conferência dos poderes da comissão inter-alhada de fiscalização militar para a Sociedade das Nações.—(L.)

O segredo dos italianos

BELGRADO, 8.—Segundo os jornais, o pacto italo-albanês comporta uma convenção militar secreta pela qual as tropas italianas são postas à disposição do governo albanês, no caso do regime se encontrar ameaçado.—(L.)

Direcção de «A Batalha»

Por resolução do Comité Confederal, na sua reunião efectuada ontem, assume, interinamente, as funções de director de *A Batalha*, o nosso camarada Alberto Dias, delegado da C. G. T. pela Federação da Construção Civil, até a que camarada Mário Castelhamo, nomeado em Conselho Confederal, tome posse daquele cargo.

Em busca de mercados

LONDRES, 8.—Como resultado da conferência ontem realizada entre os primeiros ministros da Austrália e Nova Zelândia e representantes da Índia e da África do Sul, os fabricantes de motores deliberam enviar um técnico a esses mercados, a fim de verificar a posição do comércio imperial e quais as medidas a adoptar para satisfazer os pedidos do Ultramar.—L.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

TEATRO AVENIDA
Telef. 11.4355
Últimas réclitas do «vaudeville»
O Dr. da Mula Ruça
SEXTA FEIRA, 17
O PÉ DE SALSA

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 da tarde — Soirée às 8,45
Estrela da encantadora bailarina
EUGENIA FERNANDEZ
Bailas clássicas, cómicos, de fantasia e «CHARLESTON»
Coloroso agrado do distinto artista
THOMAZ VIEIRA
no seu repertório de canções, aneddotas, etc.
FENÓTICOS ESPECTACULOS DE:
LES MAROCC
dueto espanhol, cómico
MARTY ET RIANT
Dueto francês a grande voz
Concerto pela FOZ MELODY BAND
No «crânio»: «O rápido da meia noite» (4 partes)

Teatro da Trindade
TELEF. T. 976
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO
BRAGA
HOJE — às 9 1/4 da noite — HOJE
Primeira representação da comédia em 4 actos de George Sand, trad. de Ramalho Ortigão,
O Marquês de Villemor
A peça mais encantadora de todos os tempos
Nos principais papéis LUCILIA SIMÕES, Amélia Pereira, Maria Sampaio, Irene Isidro, Erico Braga, Joaquim Almeida e Samuel Diniz
Cenários de Campos & Oliveira e Luz & Almeida.
BILHETES À VENDA
Venda de bilhetes sem locação. — Fautuils (toda a plateia) e balcões de 1.ª, 2.ª e 3.ª, 400 e 300; Camarotes: 4000, 3000 e 2000.

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES
às 20,30 e 22,30
COM A COMÉDIA PORTUGUESA
O PINTO CALÇUDO

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Teatro Maria Vitória
(PARQUE MAYER)
TELEF. N. 3044
Direção artística de ROSA MATEUS
HOJE: 2 sessões às 20,30 e 22,30
com a deslumbrante e espietosa revista em 2 actos e 12 quadros
TARIFA 1
FÉRICOS SCENARIOS
BRILHANTE E ARTÍSTICO CONJUNTO
— O mais alegre e brilhante espectáculo —
da actualidade
PREÇOS POPULARES

MUSICA
Um concerto de música da Scandinávia

A obra de divulgação musical que Lisboa vem devendo a D. Ema Romero dos Santos Fonseca é daquelas que não pode ser esquecida pelos que se interessam sinceramente pela arte. Tem uma persistência invulgar, com uma inteligência sólida, esta senhora a quem seus pais deram um ilimitado poder de organização que lhe tem permitido fazer tudo o que a bem da arte musical pode e deve ser feito. D. Ema Fonseca tem conseguido levar a efeito recitais a todos os títulos notáveis, pelo alcance e pelo carácter. Não tardará muito que Lisboa esteja de boas relações com as civilizações musicais, mais inacessíveis pela distância territorial e pela feição técnica sentimental. Desta vez foram revelados alguns dos melhores músicos da Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia: Hottmann, Niels Gade, Heise, Lassen, Beechgaard, Lange Muller, Bendie, Sindblad, Príncipe Gustavo, Siögren, Stenhammar, Holldan, Svendsen, Lindberg, Grieg, Gondahl, Sibelius, Merikanto, Jorntef, Melartín e Palmgren.

Foi quasi toda a história musical scandinávia, visto que se acentuaram modalidades, definiram caracteres, estabeleceram-se diferenças.
Não houve um único número que não fosse em primeira audição o que ainda valorizou mais o recital. D. Ema Romero dos Santos Fonseca cantou com a optima escola que possui, devendo-se porém salientar a maneira elevada como interpretou o seu *Rube in Walde*, de Haldan. Os outros executantes desta linda festa de arte foram o sr. Jaime Monteiro e D. Elise Penche, que já de outras vezes, têm contribuído para o brilho destas festas, e D. Berta Rosa Limpo de Araújo, que ao piano acompanhava os seus melhores discípulos de canto, que constituiram um afinado coro de que foi solista D. Ema Fonseca cantando *Le chant de la nouvelle année*, de Bendie, com um delicioso sentimento. O professor Júlio Silva acompanhou vários números ao piano, com a sua costumada proficiência.

Nogueira de BRITO
O pianista José van Rosenstok
O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo. Tem muito que estudar e desde já precisamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.
A suite inglesa deste autor teve um relevo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro. A que atribuiu? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos apimorada, a sonata em si menor saiu certa mas pouco interpretada, incertamente desenhada. José Rosenstok tocou ainda Mozart, Rey Colaço, Chopin, Weber, Brahms e Manuel Infante.

Academia de Amadores de Música
O concerto da Academia de Amadores de Música foi um dos melhores que se têm realizado. Embora já conhecido o quinteto de Korskakow, duma grande beleza e optima construção, resultou esplendidamente executado.
A sonata de Haydn tocada por Fernando Cabral (violino) e Frederico de Freitas (piano) teve uma correctissima execução, o que não admira, reconhecidos como estão os méritos dos dois artistas. A parte vocal estava entregue a D. Maria Aurelia de Melo e D. Raquel Bastos; a primeira cantou com belo estilo um trecho da Cavallaria Rusticana e uma ária do Baile de Mascaras, a segunda variações de Mozart e «Cotovia» de Herminio do Nascimento. Para complemento do belo concerto D. Raquel Avelar de Almeida Ribeiro, tocou com uma optima posição e sentimento, no piano «Cordoba» de Albeniz e o 2.º nocturno de Gabriel Fauré.

N. de B.
OS QUE MORREM
D. Margarida Rodrigues Gondim
Após prolongado sofrimento faleceu esta manhã a sr.ª D. Margarida Rodrigues Gondim, de 36 anos, natural do Porto, filha de Manuel Rodrigues Gondim e de D. Ana Rodrigues Gondim já falecidos, irmã do professor da Escola de Medicina Veterinária dr. Idalino Rodrigues Gondim e cunhada do nosso colega de O Século sr. João Ferreira Leal. O funeral realiza-se hoje, pelas 12 horas, saindo da rua de Ponta Delgada, 49, 1.ª, para o cemitério do Alto de São João.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO
Caixa de Previdência dos Officiais e Tripulantes da Marinha Mercante — Reúniu o Conselho Administrativo resolvendo entre outros assuntos inerentes ao imediato funcionamento da Caixa, fazer chegar ao conhecimento dos sócios o seguinte:
«Que tendo chegado ao conhecimento do Conselho Administrativo deste organismo, que um pseudo «representante desta Caixa» intitulando-se cobrador, anda extorquindo aos marítimos várias importâncias sob pena de serem expulsos se não pagarem, ficam por esta forma avisados que ninguém tem autorização para receber qualquer quantia, enquanto não for legalizado em definitivo, pelo Conselho Administrativo, o sistema de cobrança, que ha de ser do conhecimento de todos os sócios da Caixa, sem que de margem a que falsos representantes possam burlar os trabalhadores do mar.

TEATRO NACIONAL
HOJE
Telef. N. 3049
COMPANHIA
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA
A's 21 horas: — A representação da tragi-comédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand
O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS
Formidável trabalho de
Alves da Cunha
e
Adelina Abranches
RECLAMAÇÃO DE UM PRESO

A higiene e a alimentação na Cadeia Nacional

«Encontro-me preso na situação de entregue ao Governo, há 42 meses, tendo adquirido «nas prisões por que tenho transitado» uma doença que já me não verei livre dela se providências não forem dadas, assim como todos os desditosos que tiverem de permanecer pela sua bárbara sentença nas imundas prisões, em breve se verão contaminados pela tuberculose pulmonar que é esta a doença que vigora nos casarões prisionais.
Até ao dia 15 de Setembro do ano corrente, permaneci na Cadeia do Limoeiro, onde fui examinado pelo sr. dr. Marceas Ferreira que disse que eu carecia de baixar ao Hospital do Rêgo «o que pelo motivo de se darem frequentes fugas daquele edifício» me baixaram à enfermaria da Cadeia Nacional.

Como eu, encontram-se aqui nesta enfermaria desde o dia 18 de Outubro cinco homens no mesmo estado de saúde e na mesma situação de adidos, sem que as melhoras se vejam progredir; pelo contrário, conforme os dias vão passando, assim a doença vai tomando incremento.
De manhã, às sete e meia, é dado meio litro de leite, às 10 repete-se a mesma refeição, ao meio dia é-nos dada uma dieta que consta de comidas indigestas.
Confesso, que há animais caninos que, se lhes fossem dar muitas das vezes estas comidas, só com o cheiro mauseando que elas deitam, eles fugiriam tão depressa como nós fugimos de sermos mordidos por um cão danado.

Há uma cozinha no subterrâneo da enfermaria que é só para aquecimentos de águas, leite, lavagem de louças e distribuição das referidas dietas. Nessa cozinha está um preso que faz as vezes de cozinheiro.
Um dia da semana passada lembrou-se ele de fazer um caldo que dizia ser de carne, mas que não apresentava senão um caldo de feijão com um pedaço de carne, para reclusos que estão condenados a pena maior, os quais baixaram por motivo de não poderem comer o rancho geral nem as dietas a que aludi. O referido recluso, como a carne naquele dia lhe permitisse, fez um bocadinho de arroz seco e carne estufada.
Mas o enfermeiro não gostou de ver beneficiar os reclusos e proibiu logo ao «cozinheiro» de fazer «variações» na comida.
Vem o médico e, ao escutar as queixas dos doentes tão mal tratados, manda que se dirijam ao director. Mas o director responde que isso é função do médico.
Em face de não me darem o alimento necessário, resolvi alimentar-me à minha custa, mas o director da Cadeia proibiu a entrada de géneros alimentícios. Se vem uma visita que traga assucar, batatas e azeite para um preso, põem obstáculos à sua entrada.
O mesmo caso se encontra no que diz respeito à higiene. A roupa das camas é mudada de 15 em 15 dias, os lençóis depois de lavados (?) vêm em pior estado do que aqueles que se encontram 15 dias nas camas: cheios de manchas de sangue, de escremento, pois são retirados das camas de infelizes que estão no estado de demência.
Um preso adido, para poder pôr a cama de lavado, teve de regatear nada menos de oito lençóis e, mesmo assim, só conseguiu mudar um lençol porque mais nenhum se achava em condições de uma pessoa se poder deitar neles. Há perto de 2 meses que se encontra entupida uma pia, situada a meio da enfermaria, sem que se deem providências mandando desentulhá-la. — C. F.

Purgações e Prostatites
Curam-se radicalmente na Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes, curam-se sempre.

Solidariedade
Roga-se a todos os camaradas e Sindicatos que receberem bilhetes para a festa de Domingos Gonçalves a fineza de liquidarem o mais breve possível na sede da comissão, Calçada Castelo Branco Saraiva, 42-1.º.

GARESTIA DA VIDA
E' insuportável a situação em Peniche
PENICHE, 4.—A vida, aqui, é insuportável, devido à ganância dos comerciantes. O azeite de 7 escudos passou a 10; a batata de 50 centavos passou a 1\$20; o bacalhau de 40 a 70 centavos; o pão passou de 1\$80 a 2\$30, isto é, 800 e 850 gramas e intragável. Mas, para atenuar este estado de coisas os industriais vieram de encontro aos seus operários. Como o peixe tivesse escasseado trataram de pôr na miséria aqueles que, quando houve fartura, lhes deram o melhor do seu esforço, não se importando com a miséria que grassa nos lares operários.
Assim, todas as fábricas têm despedido quasi todo o seu pessoal. As fábricas Ramalhe, José Gago da Silva e, por último, o famigerado Joaquim Cristóvão usam de um truc, para obrigar os soldados a trabalhar quando houver trabalho. Mas talvez se enganem, e porque nem sempre o diabo está atrás da porta. — C.

TIVOLI
Telefone N. 5474
Matinée às 3 h. — Soirée às 9 h.
A AGUIA NEGRA
Super-produção, tirada do romance de FOUSSCHKIN, e que tem como protagonista o malogrado «Stara»
Rodolfo Valentino
o inesquecível intérprete de «Os 4 Ginetes do Apocalypso». A critica reconheceu no papel do tenente Dubrowsky (Agua Negra) a criação mais completa do salafuto artista.
Duas Cine-Farças
Dois Documentários
Audição especial pela orquestra, sob a direcção do maestro Nicolino Milano.
Na «matinée» têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias.

TEATROS

Um D. Juan querido
Voltou ontem a encenar-se a elegante e linda sala do Teatro Nacional dum público culto e moderno, que nos intervalos discutiu calorosamente a peça. A figura simbólica do eterno «D. Juan» era apreciada de várias maneiras. As conversas animaram-se e os grupos faziam-se, mesmo entre desconhecidos. Não há memória duma peça provocar tanta discussão nem tantos artigos nos jornais. O nome de Alves da Cunha anda de boca em boca. «O homem e os seus fantasmas» é a peça da época, tanto pelo entrecho como pela original e arrojada encenação e pelo magistral desempenho por parte de Alves da Cunha, Adelina Abranches, Berta de Bivar, Maria Isabel, Ribeiro Lopes e Carlos de Oliveira.

Tarifa 1
Como havíamos previsto, confirmou-se nas duas sessões de ontem no Maria Vitória, Parque Mayer, o sucesso da nova revista «Tarifa 1», que veio ressurgir naquele teatro as suas antigas noites de alegria e de prazer, conquistando o seu público predilecto. «Tarifa 1», que se manterá no cartaz todo o resto do inverno, está ainda mais animada e saltitante do que na noite da sua estreia, contribuindo poderosamente para o seu triunfo o trabalho cheio de brilhantismo e de frescura que imprimem, aos seus papéis e aos números os populares e queridos artistas do seu magnifico elenco: Julieta Soares, Zulmira Miranda, Tereza Gomes, Carlos Leal, Alberto Ghira, Alvaro de Almeida e Santos Carvalho. «Tarifa 1», repete-se hoje em duas sessões, a preços reduzidos.

O dr. da Mula Ruça
Em virtude de vários pedidos, a empresa Satalena-Amarante resolveu manter no Avenida, até ao próximo domingo, o desopilante «vaudeville» de ruidosa gargalhada, o «Dr. da Mula Ruça», marcando para sexta-feira, 17, da próxima semana, a primeira representação do novo «vaudeville», «O Pé de Salsa», adaptação de Felix Bermudes, João Bastos e André Brun, música do maestro Angel Gomez.
O êxito de «O Marquês de Villemor»
O êxito da linda peça «O Marquês de Villemor» justifica-se pelo seu excelente desempenho, especialmente. A admirável companhia Lucilia-Simões-Erico Braga soube interpretá-la com um brilho invulgar. Volta hoje novamente à scena.

O Pinto Calçudo
Obteve um êxito ruidoso, no Variedades, ontem, nas duas sessões, a célebre farça do repertório de Maria Matos e Silvestre Alegria, «O Pinto Calçudo», que hoje se repete, a preços populares — os mais baratos de Lisboa — com o teatro provido de um excelente aquecimento moderno, com entrada livre no Parque Mayer ao público e automóveis, terminando as sessões, matematicamente, às 10 e meia e à meia noite e meia hora, respectivamente, a primeira e a segunda.

A despeito do enorme sucesso que a comédia «A Peliza do Gato» continua obtendo, no Gimnasio, foi, no entanto, resolvido anunciar desde hoje as suas últimas representações, o que vai provocar uma maior concorrência do público para a despedida da famosa comédia, que ficará perdurando na memória de todos como uma das mais belas criações da eminente actriz Amélia Rey Colaço.
O camaroteiro do Apolo levou o dia de ontem a vender bilhetes, não só para os dois espectáculos da noite, mas para os de sábado e domingo, isto em virtude do ruidosíssimo sucesso da companhia Almeida Cruz e do triunfo fenomenal da já popularíssima opereta «Mouraria» que é, de facto, um monumento de peça genuinamente portuguesa e lisboeta.
Causam enorme sensação as sutuosas, elegantíssimas «toilettes» de Auzenda de Oliveira, de apuradissimo gosto e excepção riqueza, constituindo uma das atracções da já célebre opereta «O Príncipe Orlíof», o colossal sucesso do São Luis. Todos os fatos do guarda-roupa, feitos sob figurinos de Augusto Pina, são de um grande deslumbramento e de sensacional imprevisto artístico.

A Louca
Elvira Guedes, a popular e querida amadora conhecida nos principais palcos das sociedades recreativas, realiza no próximo domingo a sua festa no Salão da Construção Civil, dedicada ao Grupo Dramático Solidariedade Operária da qual a festejada é uma das principais figuras.
Subirá à scena a peça de carácter social *A Louca*, de autoria do nosso camarada Venceslau de Oliveira, um dos mais obscuros e valiosos autores dramáticos, em que Elvira Guedes tem um papel de destaque.
Esta peça está sendo cuidadosamente ensaiada pelo sr. José de Almeida.
Haverá também um acto de variedades, no qual tomam parte os mais conhecidos amadores.
Com todos estes elementos é de esperar que a festa de Elvira Guedes seja uma das melhores que se tem realizado no popular Salão da Construção Civil.

Hemorroidal
Cura-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 30\$00.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O sexto aniversário da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Giesta (Pórtio)

Há seis anos que um punhado de operários da Giesta se propoz fundar uma Escola onde fosse ministrada às crianças uma educação racional. A dedicação de que eram, e são ainda hoje, animados, levou-os a adquirir um terreno, no qual, pouco tempo passado, foi edificado um pequeno edificio, de estilo rústico, onde tem funcionado há seis anos uma escola de primeiras letras.
Os iniciadores de uma tão bela obra procuram alargar o edificio, a fim-de que tenha maior expansão o ensino. O material escolar será executado pelos iniciadores, que se propõem ainda dar um dia de trabalho na construção de um novo edificio.
Foi comemorando a passagem da gloriosa data, que já mais será olvidada, que, no passado domingo, ali se realizou uma imponente sessão solene, a qual, pela sua extraordinária concorrência, demonstrou a simpatia que existe entre os trabalhadores do Pórtio e da Giesta por tão valerosa obra. Pena foi que na pequena sede não coubessem os numerosos operários que, no largo, se aglomeravam.
Seriam aproximadamente 16 horas, quando o nosso camarada José Inácio Martins subiu ao tablado, dando início à festa, proferindo um curto e vibrante discurso, enaltecendo o valor da Escola e a missão que tem vindo a exercer desde a sua fundação. Convida para presidir o velho militante anarquista Serafim Lucena e para secretário Eduardo Miranda, do grupo anarquista «Humanidade Nova», e João da Silva, da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boa Vista.
O expediente constava das seguintes representações:

Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Pão, Sindicato U. da Construção Civil, S. U. dos Manufactores de Calçado, Couros e Peles; Metalúrgicos; Têxteis; União Ferroviária; Centro Comunista Libertário; Grupo Anarquista «Humanidade Nova»; Grupo Educação Social dos Manipuladores de Pão; Federação da Construção Civil, (Secção Norte); Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais da Boa Vista; Nova Aurora; Racional de Gaia; Filhos do Visco e Minho e Dourado.
O presidente proferiu um eloquente discurso, passando em revista as fases por que tem passado a Escola de Giesta. Põe em relevo a alta missão social que aquela localidade tem vindo desenvolvendo desde a sua fundação. Teve palavras de incentivo para os membros que compõem a comissão administrativa daquele organismo escolar.

António Inácio Martins, da F. C. Civil (Secção Norte), transmitiu as saudações do organismo que representa. Defendeu com calor a escola racionalista, baseada nos princípios de Solidariedade humana, afirmando ser o factor mais poderoso para a transformação desta sociedade onde o ser humano é considerado a besta de carga que sofre uma interminável série de viciamentos. Referiu-se largamente às crises de trabalho e provou com irrelevantes argumentos a sua origem.
Dionísio Gomes, do S. U. Metalúrgico do Pórtio, apresentou, em primeiro lugar, as saudações do organismo que representa. Referindo-se à missão das Escolas que se seguem idéica orientação à que comemora hoje o seu 6.º aniversário, disse que elas se devem integrar nos princípios preconizados por Feirer. Combatu com energia o capitalismo que à viva força tenta impedir o avanço das ideias.

Referindo-se aos detractores das Escolas Sociais e, especialmente, da Giesta, disse que, apesar de tentarem com mil e um obstáculos impedir a expansão do racionalismo educador, nunca conseguiram os seus negregados fins. Preconiza a criação duma Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, para melhor coordenação da acção educativa, baseada nos modernos princípios pedagógicos e racionalistas.
José Inácio Martins recitou um interessante poema social, intitulado «Fome e Miséria».

O delegado do Grupo Anarquista Humanidade expria-se também em largas considerações sobre o ideal anarquista. Combatu com veemência todos os traficantes que abusam da ignorância do povo e defendeu a acção dos políticos que pretendem simplesmente alancardar-se nos primeiros postos burocráticos. Disse que a obra que as Escolas de Estudos Sociais têm vindo desenvolvendo tem sido uma verdadeira obra anarquista, eis o motivo porque saíam, em nome do seu grupo, a iniciativa.
Gespar da Cunha, da Secção da Juventude Sindicalista dos Manipuladores de Pão, em palavras rudes mas cheias de sinceridade, disse o que sentia e o que pensava sobre o acto que se comemorava.

Em seguida Mário Ferreira fez a sua anunciada palestra. Dissertou largamente sobre a vida humana através os séculos e sua constante evolução. Analisou sinteticamente a vida do homem pre-histórico até ao da sociedade contemporânea. Há dois tempos: um, o templo da vida — Escola; outro, o templo da morte — Igreja. Esta tem mais frequência porque os escravos continuam permanecendo no meio da maior ignorância. Tem sido a religião que nos tem amarrado a toda a escravidão. A religião, que se diz inspirada no amor, na harmonia, não tem senão espalhado ódio entre os homens, a malquerença, a tirania. Referiu-se à Inquisição e citou alguns dos seus mais infamantes actos. Recordou a chacinha de São Bartolomeu e tantas outras praticadas pelos católicos, que tantos milhares de vítimas causaram. As escolas racionalistas, baseadas no amor e nos mais nobres sentimentos de humanidade, devem robustecer-se e infiltrar-se no seu verdadeiro caminho — espalhar as ideias, criar escolas revolucionárias que se prezam. Definiram as três qualidades de escolas que existem no mundo, umas com uma missão nobre e elevada — as racionalistas; outras com uma missão falsa e hipócrita que oblitera o cérebro da criança — as que são mantidas pela Igreja; outras, mantidas pelo Estado, que ministra à criança uma educação preconceituosa. Terminou fazendo a apologia duma nova sociedade.

Serafim Lucena encerrou esta interessante sessão solene com uma eloquente dissertação analítica das várias afirmações produzidas pelos oradores.
FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firme Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Os operários despedidos das obras públicas em Loanda reclamam a sua readmissão

LOANDA, novembro.—Os operários despedidos das obras do Estado entregaram ao secretário do interior da provincia de Angola a seguinte exposição:

«Após a chegada do Alto Comissário, o proletariado (quer europeu, quer nativo) teve uma esperança de melhores dias, para si e para os seus, e de que a sua situação fosse melhorada.

Mas, oh! pura ilusão! — se até aqui a nossa situação era deprimente para a própria colónia em que habitamos, para o futuro será cada vez pior, porque a miséria ameaça-nos cada vez mais, e não será de estranhar que, daqui a poucos dias, presenciemos o quadro vergonhoso de operários, especialmente europeus, estenderem publicamente a mão à caridade, em virtude de não terem onde ganhar um pouco de pão para mitigar a fome dos seus filhos, como aconteceu quando era Governador Geral o sr. Antero Tavares de Carvalho.

Segundo os jornais, o governo resolveu dispensar uma grande parte, a quasi totalidade dos seus operários, em virtude de as verbas se encontrarem exgotadas e de, ao mesmo tempo, a Provincia ter um «deficit» de 53 mil contos.
E' para lastimar, e, ao mesmo tempo, notam-lo com bastante mágoa, que o governo não atire assim para a miséria um punhado de trabalhadores (europeus e nativos), quando nos não cabe a menor parcela de responsabilidade pelo estado a que chegou Angola, sem que, tampouco, nos acuse a consciência de sermos nós os causadores desta situação, a não ser por termos cumprido com os nossos deveres de trabalhadores honestos trabalhando sempre em prol do levantamento de Angola.

E agora, preguntamos nós, porque motivo há de ser sempre o proletariado o mais sacrificado? Será por não cumprir com os seus deveres? Cremos que não.

Em que situação ficamos nós, operários despedidos das obras do Estado?

Na industria particular não há que fazer, ou, por outra, haveria muito que fazer porque a maior parte dos prédios de Loanda carecem de grandes reparações; porém, como os seus proprietários não podem executá-las em consequência da sua também

cola e de Transportes é muito lá das relações da sr.ª Empresa da Mina...

Há dias, quando se pretendia apurar o débito total (sic) desta Sociedade à Empresa, por diversos trabalhos para aquela executados nas Oficinas Gerais da Mina, incendiou-se o interior de uma gaveta, estando esta fechada à chave, succedendo arderem os documentos que registavam aquelas despesas... Não podemos demorar na critica destas misérias, consequência do tráfico a que a Empresa se presta, diremos somente que o chefe das Oficinas está ligado à Sociedade Mercantilista e também o individuo que possuía a chave da gaveta que... milagrosamente ardeu... — E.

Peniche
A vila em estado de ruína
PENICHE, 5.—As estradas que ligam esta vila à estação de São Mamede, estão de tal ordem intransitáveis que todos os dias se encontram, no seu percurso, carros partidos. Os buracos são tão fundos que em alguns sítios os leitos dos carros ficam assentes no solo e os rodados em vão nas fossas. O carro do correio sai da estação de São Mamede, que dista daqui 25 quilómetros, às 11,30 e só chega a Peniche entre as 18 e 19 horas, causando grandes transtornos à população, visto que a correspondência só no dia seguinte é distribuída.

As ruas desta vila estão em tal estado que os seus habitantes que tenham de sair à noite, terão de se despedir da sua família, porque estão sujeitos a ser submersos nos pântanos.

A iluminação pública é de tal ordem que, há dias, o autor destas linhas, indo para sua casa, foi de encontro a uma criatura por causa da escuridão, caindo os dois. Nada mais houve porque eram conhecidos. — C

Luta de classes
Ferrovários da C. P.
Consta que a C. P. vai tornar extensiva ao pessoal das oficinas de Santa Apolónia as regalias que disfrutam os empregados de diversas secções de serviços ferroviários da mesma companhia.

O pessoal das oficinas de Santa Apolónia aguarda que se consuma uma notícia, a fim-de se terminar um regime de excepção tão odioso a quem trabalha.

Seria reparada, assim, uma injustiça imposta a um pessoal que, cumprindo modeladamente os seus deveres, bem digno é de que reconheçam de facto os seus direitos.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

MARCO POSTAL

Rossio de Abrantes.—M. dos Santos.—Recebemos 30\$000. Assinatura paga até 31 do corrente. O restante para o auxílio será publicado na próxima edição.

Giborro.—Ass. dos Rurais.—Recebemos 30\$000. Pagou a assinatura desde 1 de Outubro, p. p. a 5 de Janeiro, p. f. Os «Mistérios do Povo» para Joaquim Bento, vão novamente, visto que veio devolvida a 10.ª série.

Odeceixe.—J. Ramires da Silva.—Recebemos 19\$000. Pagou a assinatura desde 16 de Agosto a 15 de Outubro, p. p. Segue um postal com o seu débito até ontem.

Coimbra.—José Maria dos Santos.—Recebemos 9\$500. Pagou a assinatura do corrente mês.

Coimbra.—Mário Martins Moreira.—Recebemos 9\$500. Pagou a assinatura do corrente mês. Os recibos vão à cobrança todos na mesma ocasião.

Solvay (U. S. A.).—R. Club Português.—Recebemos cheque de 102\$000. Ficou paga a assinatura até 31 de Março, p. f.

Tórras Novas.—F. Brele.—Manda a importância da gravura.

Montemor-o-Novo.—Manuel Abrantes.—Recebemos um vale sem indicação de destino.

CAMBIO

| Países | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|--------|
| Sobre Londres, cheque | | 95\$00 |
| Madrid, cheque | | 2\$99 |
| Paris, cheque | | 27\$75 |
| Suiza, cheque | | 28\$75 |
| Bruxelas, cheque | | 28\$75 |
| New-York, cheque | | 19\$62 |
| Amsterdã, cheque | | 7\$84 |
| Itália, cheque | | 3\$85 |
| Brasil, cheque | | 2\$40 |
| Francia, cheque | | 5\$85 |
| Suécia, cheque | | 5\$82 |
| Austria, cheque | | 2\$77 |
| Perlim, cheque | | 4\$67 |

TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.

São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.

Ginásio.—A's 21, 23, 25.—A Petisa do Gato.

Trindade.—A's 21, 23, 25.—O Marquês de Villemar.

Politeama.—A's 21.—O idílio num 5.º andar.

Apolo.—A's 20, 22, 24.—A Mouraria.

Eden.—A's 20, 22, 24.—Cabaz de Moura.

Maria Vitória.—A's 2, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25.—Tarifa 1.

Variedades.—A's 20, 22, 24, 26.—O Pinto Calçado.

Joaquim de Almeida.—A's 20, 22, 24, 26.—Variedades.

Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.

Salão Foz.—A's 15 e às 20, 30.—Variedades.

Av. Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alentejo (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fumos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a: FRANCISCO LATTA LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança. FARMACIA CUNHA R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Lêdo o Suplemento de A BATALHA

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 93 TELEFONE N. 5333

Medicina, cirurgia e pediatria.—Dr. Armando Narciso—A's 6 horas.

Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das crianças.—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Roma—3 horas.

Boca e dentes.—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancro e rádio.—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raio X.—Dr. Alex. Saldaña—4 horas.

Análises.—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

CONSELHO TECNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone—539 Trindade Escritório: Calçada do Cambra, 38-R. 2.º

NAO SOFRAM MAIS!



Use HERPETOL para as doenças da pele (Uma gota deste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a comichão. O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDÊNCIA NA PELE e MORDEDEIRAS DE INSETOS. A aplicação depois da aplicação, o paciente vê com regozijo sintomas de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofrer, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS: LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Premios maiores .. 4:000.000\$00 1:200.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadragésimos a 27\$50, cautelas a 6\$00. Pelo correio mais 80¢.

Pedidos a Campião & C. 116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

ASSINEM Os mistérios do Povo

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada DOENÇA E INVALIDEZ

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malhins para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus TELEF. N. 5691

ALTERAÇÃO DE PACTO

Por escritura de 5-5-1926 a fls. 83 V.º do L.º 1256 do notário Dr. Maia Mendes, de Lisboa, a sociedade «Guedes & Freire, Limitada» alterou o seu pacto social pela maneira seguinte:

1.ª—A firma passa a ser desde hoje «Figueiredo, Ltd.ª».

2.ª—Fica transferida para Lisboa a sede social, e o seu principal estabelecimento passa a ser na Calçada do Carmo, 6, 2.º, desta cidade.

3.ª—Os lucros passam a ser divididos na proporção de 35 % para o sócio Figueiredo e 65 % para o sócio Guedes, bem como as perdas até ao limite da responsabilidade legal.

4.ª—Ambos os sócios são gerentes, com remuneração igual, a fixar em assembleia geral.

5.ª—Fica estabelecido que as cotas e partilha de lucros serão futuramente equiparadas pela forma seguinte:—O sócio Guedes cederá ao sócio Figueiredo, pelo valor nominal, 22.000\$00 da sua actual cota. Para esse efeito, e salvo acordo expresso em contrário, o sócio Figueiredo não poderá levantar da sociedade os lucros que lhe forem competindo até que eles atinjam 22.000\$00, e, quando atinjam essa importância, será ela transferida na escrita para conta do sócio Guedes, como crédito contra a sociedade, e para pagamento da referida cessão de cota, que o sócio Guedes nesse caso fará imediatamente, para o sócio Figueiredo ficar tendo ao todo 30.000\$00 no capital social e 50 % nos lucros de cada exercício.

6.ª—As alterações contidas nas precedentes cláusulas 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª, desta escritura, produzem os seus efeitos desde 1 de abril do corrente ano de 1926.

M. Mendes

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, «IDEÁRIO», que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Liberdade — Política — Evolução y Revolução — Violência — Liberdade y Autoridade — Ensayos Filosóficos — Literatura — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos a Administração de «A BATALHA»

ACABA DE SAIR: A EPOPEIA DO TRABALHO — POR — Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, à cobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, — na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS A UNIÃO

Sede — Rua de S. Bento, n.º 11, 1.º — LISBOA

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral para a próxima segunda-feira, dia 13 do corrente, pelas 20 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1927.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 21, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1926. — O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, — (a) António José Gamero.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS A COMPENSADORA

Sede — Rua de S. Bento, n.º 11, 1.º — LISBOA

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral, para a próxima segunda-feira, dia 13 do corrente, pelas 20 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1927.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 21, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1926. — O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, — (a) Daniel de Abreu Marques.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS GARANTIA PORTUGUESA

Sede — Rua de S. Bento, n.º 11, 1.º — LISBOA

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral, para a próxima segunda-feira, dia 13 do corrente, pelas 20 e meia horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1927.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 21, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1926. — O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, — (a) José Avelino de Oliveira.

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

Livraria de A BATALHA

| OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO | Jorge Teixeira.—Gatunos de Luva Branca—A Escamalha (pegas da teatros) | 25\$00 |
|--|--|--------|
| Abel Botelho—Amanhã | Julio Quintinha | 8\$00 |
| Alexandre Herault | Visinhos do Mar | 8\$00 |
| Lendas e Narrativas (2 volumes) | Cavalgada do Sonho | 8\$00 |
| Cartas (2 volumes) | Terras de Fogo | 8\$00 |
| História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.) | Das vitórias (novela) | 8\$00 |
| Adolfo Lima | Laisant.—Iniciação matemática | 5\$00 |
| Contracto do Trabalho | Malvert.—Ciência e Religião | 10\$00 |
| Educação e ensino | Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela) | 2\$25 |
| O ensino da história | Anastácio José (idem) | 2\$25 |
| Aquino Ribeiro | Manuel Ribeiro | 2\$25 |
| Anatole France | Poder redentor (novela) | 2\$25 |
| Entrada de São Tiago | Mirbeau.—O Jardim dos Suplicios | 4\$00 |
| Jardim das Tormentas | Nequeira de Brito | 15\$00 |
| Via Sinuosa | 1.ª Memória de Angela Pinto | 2\$25 |
| As Filhas da Babilónia | Sangue Fidalgo (novela) | 2\$25 |
| Terras do Demo | Não, diz a Lei (novela) | 2\$25 |
| Augusto Machado — Impossível redenção (novela) | Pargame—Origem da vida | 8\$00 |
| Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados) | Oliveira Martins | 15\$00 |
| Bento Faria.—Missas novas (teatro em verso) | Helenismo e a Civilização Cristã | 15\$00 |
| Binet-Sangle.—A loucura de Jesus | História da Civilização Ibérica | 15\$00 |
| Buckner.—O homem segundo a ciência | História da República Romana (2 volumes) | 30\$00 |
| Charles Darwin.—Origem das espécies | História de Portugal (2 vols.) | 30\$00 |
| Campos Lima | Raças Humanas (2 vols.) | 15\$00 |
| O Estado e a evolução do Direito | O Brasil e as Colónias Portuguesas | 15\$00 |
| O Amor e a Vida | Cartas Peninsulares | 15\$00 |
| Ceia dos Pobres | Sistema dos mitos e ficções religiosas | 15\$00 |
| A Revolução em Portugal | Orlando Marçal | 6\$00 |
| Cristiano Lima.—A escola de Nun'Alvares (novela) | Água clara | 1\$00 |
| Duarte Lopes.—Frei Sangue | Imagens de Sonho | 1\$00 |
| Ega de Queiroz | Raul Brandão | 10\$00 |
| O crime do Padre Amaro | Os Pescadores | 10\$00 |
| O Primo Basílio | Os Pobres | 10\$00 |
| O Mandarim | O Teatro | 8\$00 |
| Os Maias (2 vols.) | Spencer—Da Educação (br. 5\$00) enc. | 8\$00 |
| A Reliquia | Sobral de Campos — Dois tiros (novela) | 2\$25 |
| A Cidade e as Serras | Tolstoi.—A sonata de Kreutzer | 4\$00 |
| Frade Mendes | Ana Karenine (3 vols.) | 15\$00 |
| Casa Ramires | Touletse.—Como se deve educar o espírito | 4\$00 |
| Prosas Bárbaras | Wenceslau de Moraes | 12\$50 |
| Ecos de Paris | Dai-Nippon | 12\$50 |
| Cartas Familiares | Vitor Hugo | 10\$00 |
| Cartas de Inglaterra | Francia e Belgica | 15\$00 |
| Minas de Salomão | O Reno (2 v.) | 15\$00 |
| Notas Contemporâneas | Os Miseráveis (2 grossos vols.) | 40\$00 |
| Últimas páginas | Trados, encadernados | 40\$00 |
| Contos | Zola | 12\$00 |
| Ernesto Heekel | A Taberna | 5\$00 |
| História da Criação | Teresa Raquin | 5\$00 |
| Origem do Homem | Alegria de viver (2 vols.) | 8\$00 |
| Os enigmas do Universo | A conquista de Plassans, (2 vols.) | 8\$00 |
| Monismo | Fecundidade | 20\$00 |
| Religião e evolução | A fortuna dos Rougons, (2 vols.) | 8\$00 |
| As maravilhas da vida | Uma página de amor | 9\$00 |
| Faguet.—Iniciação filosófica | Dr. Pascal | 8\$00 |
| Iniciação literária | FOLHETOS | 1\$00 |
| Faria de Vasconcelos | Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja | 3\$00 |
| Problemas escolares | A Evolução legal e a anarquia | 3\$00 |
| Por terras de além mar | Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura | 5\$00 |
| Ferreira de Castro | José Prat.—A burguesia e o proletariado | 5\$00 |
| Sangue Negro | A necessidade da Associação | 5\$00 |
| Sendas de Lirismo e de Amor | Content.—Contra o confucionismo | 5\$00 |
| A Peregrina do Mundo Novo | Alfred Noyes.—Razão (poema social) | 5\$00 |
| F. Castro e E. Frias.—A Boca da Esfinge | Ernesto da Silva — Teatro livre | 3\$00 |
| Flamarion | Arte Social | 3\$00 |
| Iniciação astronómica | Landauer.—Social Democracia | 3\$00 |
| Contos de luar | R. Mela.—O princípio do fim | 3\$00 |
| Como acabar o mundo | A maçonaria e o proletariado | 3\$00 |
| Os habitantes dos outros mundos | J. Most.—Peste religiosa | 5\$00 |
| Felix de Dantes.—As influências ancestrais | João P. do Rio | 5\$00 |
| Filho de Almeida | Definições sociais | 5\$00 |
| Lisboa Galante | Horas anarquistas (versos) | 5\$00 |
| Estâncias de Arte e Saúde | Trovas da Noite | 1\$00 |
| Figuras de destaque | Roberto, o pescador | 1\$00 |
| Actores e Autores | Memórias do Parque de São João do Forte | 1\$00 |
| Contos | — Carnet de Pensamento | 2\$00 |
| A Esquina | J. Bakunin.—O sentido em que os mos anarquistas | 5\$00 |
| Avés Migradoras | Chueca.—Como não ser anarquista | 5\$00 |
| Barbear, Pentear | Lazarro.—A Liberdade | 5\$00 |
| Cidade do Vício | B. Etivant.—A minha defesa | 5\$00 |
| Pasquinadas | Kropotkin | 5\$00 |
| País das Uvas | Os bastiões da guerra | 3\$00 |
| Saibam quantos | Moral anarquista | 5\$00 |
| Vida errante | O espírito revolucionário | 5\$00 |
| Vida íronica | O estado e o seu papel histórico | 1\$50 |
| Guerra Junqueira.—A morte de D. João | J. Guedes.—Lei dos Salários | 5\$00 |
| Musa em férias | Brian.—A greve geral | 5\$00 |
| Os Simples | Roland.—Russia Nova | 5\$00 |
| A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo) | — O sindicalismo e os intelectuais | 5\$00 |
| Brochada | D. Carvalho.—A gestão sindical no período revolucionário | 5\$00 |
| Gorki.—Os Degenerados | A. Hamon.—A crise do socialismo | 5\$00 |
| Os Vagabundos | J. Santos.—A transformação da sociedade | 5\$00 |
| Na Prisão | Neno Vasco | 5\$00 |
| Ibsen.—Espectros | Georgicas | 1\$00 |
| Casa de bonecas | Greve de inquilinos, teatro | 1\$00 |
| Jacquinet.—História Universal, 2 v. | Proletariado Histórico | 1\$00 |
| Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro) | G. Archimof.—A Revolução social e o Sindicalismo | 5\$00 |
| José Benedito.—A ciência redentora (novela) | Carlos Rates.—Aditadura do proletariado | 1\$00 |
| Jesus Peloto.—O mestre geral (novela) | Emílio Chapellier.—Porque não creio em Deus | 1\$00 |
| | Rodolfo Rucker.—O sindicalismo revoluc. e a organização operária | 1\$00 |

Carlota por entre lágrimas. Há talvez um meio de não nos separarmos e de salvarmos meu tio. Ah! minha mãe, a felicidade, e principalmente o desejo de a vermos partilhada por aqueles que nos são queridos, tornam-nos o espírito inventivo. Ontem à noite, depois de meu pai e tu terem dado licença para o meu casamento com João, eu fiquei só com ele alguns instantes. Eis o que me disse João: antes de vir aqui, tinha ido à casa do sr. Billaud-Varenne, que lhe disse que meu pai o tinha encarregado de ir oferecer a minha mão ao sr. de S. Just. Só então João compreendeu que meu pai via nele uma salvaguarda contra os perigos que teme, e que só esse motivo o tinha decidido a oferecer-lhe a minha mão, depois do sr. de S. Just a ter recusado. João soube ainda que o sr. Billaud-Varenne tinha dito a meu pai: «já que tanto deseja casar sua filha com um bom republicano, porque a não dá a João Lebrunn, que foi seu discípulo? ele goza da estima e amizade dos principais homens da revolução.»

—E' fora de dúvida que teu pai esperava, casando-te com o sr. de S. Just...

—...Arranjar uma salvaguarda contra os perigos que teme; mas como o sr. de S. Just não aceitou esta aliança, e o sr. Billaud-Varenne lhe propoz João Lebrunn para genro, meu pai teve medo de parecer que desprezava um operário, se lhe recusasse a minha mão...

—E qual é a opinião do sr. Lebrunn a respeito de teu pai?

—João disse-me que não achava bonito o procedimento de meu pai, e acrescentou: «Sempre fui franco consigo, Carlota; se quiser viver em companhia de seu pai, eu submetter-me hei aos seus desejos, e nunca lhe darei a conhecer a pouca estima que ele infelizmente me inspira pelo seu carácter: mas se entrasse nos seus projectos não habitar na casa paterna depois do nosso casamento, eu sentir-me-ia muito feliz, com essa resolução, que me permitiria não me separar de minha irmã.» Nisto deu-me ele uma prova de confiança, tão honrosa para ele como para a irmã: contou-me

ao noivo, que cumprimentava respeitosamente a sr.ª Desmarais:

—Meu querido João, se, depois do nosso casamento, me convier morar fora da habitação paterna, ser-lhe-ia agradável que minha mãe vivesse connosco?

—Responder-lhe hei com toda a sinceridade, Carlota! replicou o jovem artista. Eu não só desejaria que a sr.ª Desmarais morasse connosco, mas creio mesmo quasi impossível, depois do que se passou entre ela e o marido, por ocasião da fuga do sr. Humberto, que ela possa resignar-se a continuar no domicilio conjugal...

E depois, dirigindo-se à sr.ª Desmarais, João prosseguiu:

—Creia, minha senhora, que envidarei todos os esforços para, com o meu respeito e dedicação filial, fazê-la esquecer o que tem sofrido. Também lhe prometo fazer o que puder para ver se consigo que cessem as perseguições contra seu irmão.

—Meu Deus! exclamou a sr.ª Desmarais cheia de reconhecimento. Será possível?...

—Espero chegar a um bom resultado, graças às minhas relações políticas, para bem do seu irmão.

—Ah! João, adivinhou-me o pensamento, porque, ainda há pouco, querendo sossegar minha mãe sobre a sorte de meu tio, eu pensava em pedir o seu apoio para ele.

—E eu, sr. Lebrunn, sinto-me reconhecidíssima pela sua generosidade para com meu irmão, tanto mais que o senhor bem sabe que ele sempre se opoz ao seu casamento com minha filha. Ah! seja qual for o resultado dos seus esforços, será eterna a minha gratidão para consigo, sr. Lebrunn. Mas ah! como será possível salvar meu irmão?

—Minha senhora... escreva ao sr. Humberto, dizendo que, se ele prometer, sob palavra de honra, viver tranqüilo daqui por diante em Paris, não entrando em mais conspiração nenhuma, eu espero, graças às minhas relações com o procurador da Comuna e com alguns membros do conselho de segurança pública, obter que cessem as perseguições contra ele dirigidas. Não lhe peço nada em que um homem honrado não possa consentir; não lhe peço que abandone os seus princípios nem tome compromisso nenhum com a República: só lhe peço o respeito às leis estabelecidas.

—Ah! mãe, está salvo meu tio. E' impossível que ele repita esta proposta leal e digna. Tem esperança, mãe!

—Ah! sr. Lebrunn, que bondade a sua! que grandeza de alma! perdoe-me de o não ter sabido apreciar há mais tempo?

—João, disse Carlota, como a única resposta abraça nossa mãe.

E Carlota impeliu brandamente o noivo para a sr.ª Desmarais, que o recebeu de braços abertos e o estreitou contra o coração, dizendo:

—Sim, João, considero-lo hei sempre um terno e bom filho; vou dever-lhe o esquecimento dos meus desgostos, talvez a vida de meu irmão, e com toda a certeza a felicidade de Carlota.

E agora, disse esta última, falemos dos nossos projectos. Fica entendido, mãe, que tu virás viver connosco logo depois do meu casamento. Isto é já negócio decidido.

—E' o meu maior desejo.

—E já que falamos de projectos, disse João, quero que desde já saibam que estou firmemente resolvido a não deixar o meu officio de serralheiro: o meu patrão, mestre Gervásio, propoz-me, há já muito tempo, a cedência do seu estabelecimento, embolsando o eu do preço por meio de anuidades que ajustaremos: eu já não estou em idade de abraçar outra profissão diferente daquela de que até hoje tenho vivido.

—Mas, meu caro João, disse a sr.ª Desmarais, já que me participa a sua intenção de continuar com o seu officio de serralheiro, devo dizer-lhe que minha filha tem um dote... de certo valor.

—Nisso nunca eu pensei, disse João Lebrunn. O dote de Carlota é dela, que fará dele o que quiser.



A constituição do Conselho Confederal

O Comité Confederal, esclarece toda a organização dos intuitos que animaram o C. C. ao aceitar os delegados da U. S. O. de Évora, Federação do Calçado, Couros e Peles e Mineiros de São Domingos, desfazendo a insubsistente argumentação da nota das Federações do Livro e do Jornal, Mobiliária e Metalúrgica

Se não fôra a publicação em A Batalha, da nota que as três Federações acima citadas endossaram aos organismos sindicais, saltando sobre as resoluções do C. C. — sendo para extranhar a sua inserção no mesmo órgão — este Comité estava desobrigado de elucidar a organização operária, visto que a mesa do referido Conselho, de 22 p. p., já o fez, duma maneira completa, imparcial e de absoluta autenticidade.

Contudo, para que se não especule em volta das citadas resoluções, perante a nota das Federações, que voluntariamente se retiraram do Conselho, este Comité vai de novo fazê-lo, mais profundamente ainda. É necessário afirmar-se, pelas deduções que se tiram nas acções dos que querem à outrance o cumprimento das resoluções da reunião dos organismos federativos, que não é este o principal motivo da divergência, mas sim quaisquer outros, que cada organismo terá o cuidado de observar e extrair, depois de ponderar os factos que a seguir vão descrevermos.

Como princípio fixe-se bem isto: O Conselho Confederal ao aceitar as três delegações em questão, teve em vista os seguintes pontos: Tolerância; princípios autonomistas da organização; espírito de isenção nos acontecimentos do anterior Conselho; cumprimento do Estatuto Confederal; desejo de conciliação entre toda a organização e robustecimento da C. G. T., esquecendo os factos passados duma forma geral — não tendo em conta uns para olvidar outros como querem as três Federações discordantes — e só assim a Central Operária poderá caminhar.

Os argumentos apresentados pelas três Federações

Constata-se no entanto que os mais frequentes delensores da unidade sindical, desejam essa unidade dentro dum estreito critério e só entre os que lhes possam convir. Não é justo. Da análise à nota das três Federações, ressaltará iniludível esta verdade. Analisemo-la, pois.

Um dos argumentos aduzidos para destruir o apresentado em defesa da autonomia sindical é o do 2.º do Estatuto Confederal, que diz: «Qualquer das Seções ou o Conselho Confederal quando reconheçam em algum dos seus delegados falta de assiduidade, incompetência, incompatibilidade moral ou tendências para o desvio dos objectivos da Organização, demiti-lo-há e participará ao organismo que ele representa o motivo da sua demissão».

E noutro ponto da nota lê-se: «Continuamos dentro da C. G. T., mas o que não podemos — pelo menos até futura resolução — é continuar a enviar os nossos delegados ao Conselho. Por uma questão de pirraça? Não! Por uma questão de profilaxia social».

Escalpelisemos: Incompatibilidade moral dos delegados em questão, para com o actual Conselho, reconheceu este não existir; mas quando assim fôsse, ele formulou esta pergunta que não obteve nem certamente obterá resposta: Em maior incompatibilidade moral há mais dum ano se retiraram da C. G. T., e durante este interregno têm atacado a sua orientação, de várias maneiras, pela palavra, na imprensa, etc., observando-se isto até mesmo neste momento? E contudo o Conselho acha-se na boa disposição de receber esses organismos, quando eles pretendam entrar de novo, esquecendo os factos passados, desde que todos se disponham a engrandecer a organização e terminem esses ataques.

Sob o ponto de vista de prejuízos morais e materiais, quem os terá originado maiores? Aqueles ou estes?

Todas estas questões não serão ainda consequência da posição errada dos organismos que se retiraram e do procedimento que adoptaram?

A organização que considere devidamente. Os organismos, que agora tanto protestam contra a aceitação dos três delegados, não defenderam no Congresso local, há pouco realizado, o princípio de se convidarem os organismos que estão fora da C. G. T., a reintegrarem nesta? E com esse seu procedimento não olvidaram a conduta dos mesmos, com que não estiveram de acordo, e em público, quantas vezes, contra ela se manifestaram?

Este critério deve então ser exclusivo a esse caso?

Se assim é, não compreendemos o que seja a lógica, a coerência, a imparcialidade e o espírito de conciliação?

«Tendência para o desvio dos objectivos da organização?»

Certamente este é um dos casos mais graves e aos três elementos em referência, não podem ser associadas tais responsabilidades.

Se há quem possa ser acusado desse propósito, aqueles não o pode ser atribuído e no entanto ainda não vimos nenhum Conselho Confederal demitir quem tenha pretendido fazê-lo, directa ou indirectamente... Terá sido a principal causa de todos os conflitos? Talvez. O futuro, porém, o dirá.

E quanto à questão de «profilaxia social», este conceito melhor se adaptaria a este último caso do que ao que origina a presente nota.

Cada um que meta a mão na consciência, como é hábito dizer-se. Todavia, o 2.º dos Estatutos da C. G. T., atrás citado, diz, no caso em questão, respeito ao actual Conselho e este ainda não encontrou motivo para demitir delegado algum.

Encontrou o anterior? Que importa? Mas, mesmo assim, se todo o Conselho se envolveu no conflito — porque todos os delegados, — e isto é irrefutável — formaram as partes litigantes, não foi profundo paradoxo o Conselho dissolver-se a si mesmo?

mo? E se foi assim, não houve pois demissão isolada, mas colectiva!

Não teria então sido mais acertado terem suspenso as sessões do Conselho e convidarem os organismos aderentes a pronunciarem-se? Já não se teria chegado a este estado. Mas, adiante. Desfeito este caso, vamos à restante análise.

A independência e autonomia dos organismos sindicais

De qualquer maneira que apreciemos a questão, as três Federações que se retiraram, desrespeitaram as resoluções do Conselho Confederal, o que vai de encontro ao princípio por aquelas apregoado de «respeito e acatamento da resolução tomada por maioria».

Acima da reunião de Federações deve estar o actual Conselho Confederal e neste caso o atropelo à autonomia e disciplina sindical parte dessas três Federações, que não querem acatar as suas resoluções.

É exactamente porque «em matéria de sindicalismo, as resoluções tomadas por maioria devem ser respeitadas a bem da disciplina», é que as Federações em referência devem acatar as resoluções do Conselho.

E é isto o que precisamente se dá neste caso: O Conselho aprovou por maioria a aceitação dos delegados, devendo a minoria «curvar-se» a essas resoluções.

E' este o critério das três Federações. Porque não põem em prática?

As votações do actual Conselho

Não seria preciso citar mais factos para demonstrar o critério que presidiu à resolução tomada, mas não queremos passar em claro as afirmações colectivas da nota das Federações.

E a organização então que analise se há ou não dualidade de critério, e de que lado.

Na reunião de 12 de Novembro, em que foi aprovada por sete organismos contra seis, a moção da Federação do Livro e do Jornal, — e é preciso que se note bem isto: «suspendendo apenas a aceitação dos citados delegados até futura resposta dos respectivos organismos», e estes responderam confirmando o envio dos mesmos delegados — notou-se isto, nos organismos que aprovaram a não aceitação: um dos delegados da Federação Mobiliária pertenceu ao anterior Conselho, assim como o único delegado dos Texteis; um dos delegados da Construção Civil, idem; e agora verifica-se que o único delegado da Federação de Alimentação, que lá estava, não tinha sido eleito em reunião do Conselho Confederal.

Mas então essas votações convieram às três Federações, que tanto barafustam contra a votação dos co-delegados das três delegações em questão?

Como se compreende então que elementos do anterior Conselho se pronunciasssem também sobre o assunto, se eles se haviam dissolvido a si mesmos?...

A questão moral tanto deve ser para uns como para os outros.

Dizem que não se inclinaram a qualquer das partes.

Querem, porém, melhor prova, além do que já foi citada atrás, do que a sua própria votação no actual Conselho? Eles que perleceram ao anterior...!

Há então parcialidade? Sim há, mas onde? E os restantes organismos observaram estes factos e nada disseram...!

Cita-se também o delegado da Federação Rural, dizendo que o seu co-delegado, recete na reunião de 22, veio anular um voto certo a favor do critério da não aceitação das três delegações.

Mas o primeiro delegado da Federação Rural, que também pertenceu ao anterior Conselho, na reunião de 12, absteve-se de votar, alegando exactamente esse facto. O mesmo delegado, porém, nas reuniões seguintes, mudou de critério e resolveu votar favoravelmente ao da não aceitação!

Este caso, observamos, passa sem reparo na nota das três Federações. É sintomático, sem dúvida e a dedução que se pretende tirar é a contrária...!

Como é, então, que tantos delegados do anterior Conselho, pronunciando-se pela não aceitação, não mostraram qualquer inclinação?

Estes casos seriam realmente interessantes, se não redundessem todos em prejuízo da organização.

A solução encontrada pelo Conselho reflecte um grande espírito de isenção

Prova-se em todos os detalhes que o melhor critério foi o seguido pela maioria do Conselho, fazendo apagar dissidências a bem da organização.

«O estacelamento total do pouco que resta da organização» não cabe pois ao actual Conselho, mas sim aos que, esquecendo uns determinados factos... procuram, porém, avivar outros de menor importância.

E então cabe-nos agora perguntar: Não se quer o Conselho Confederal os delegados que possam trazer ao mesmo «reminiscências dos sucessos passados» na apreciação a fazer ao inquérito a Santos Arranha e Manuel Joaquim de Sousa «para cujo lado tendiam os indivíduos em questão, dando-lhe assim o aspecto de parcialidade» e não importa que lá se encontrem aqueles que no anterior Conselho tiveram critério oposto?

Onde reside, pois, a parcialidade? Pelo menos atendam neste ponto às boas intenções do Conselho, que não fez excepções senão para com os principais elementos antagonistas do Conselho passado.

Se o Conselho não quisesse respeitar a autonomia dos organismos aderentes, para atender aos desejos da reunião de Federações, teria então que pôr a questão no seguinte plano:

Do anterior Conselho nenhum dos delegados deverá ser reconduzido ao actual

E desta impertinência, novo conflito surgiria, dissolvendo-se também o actual Conselho.

Ainda sobre as votações e para que se não explore sobre o processo adoptado pelo Conselho para que as três delegações: U. S. O. de Évora, Federação do Calçado, Couros e Peles e Mineiros de São Domingos, fôsem aceites, cumpre-nos esclarecer, que mesmo não votando estes organismos, a resolução seria tomada por um voto de maioria, visto que tendo sido aprovada por 10 e rejeitada por 6 — subtraindo da aprovação os três votos em referência, ainda assim ficariam 7 contra 6.

Não foi, pois, devido ao processo que o Conselho tomou essa resolução.

Outras observações

Não quer o Comité Confederal tratar das questões que mais propriamente dito se possam considerar de ataque pessoal, no entanto em defesa da verdade, dirá que o delegado dos Mineiros de São Domingos, na 1.ª reunião do Conselho, apresentou de facto uma declaração do respectivo organismo em que requeria um inquérito à acção do seu delegado, em virtude do mesmo não ter sido aceito no Conselho. Como, porém, nas reuniões seguintes e depois dos organismos atingidos informarem o Conselho, confirmando as suas delegações, este ter resolvido aceitá-las, desapareceu implicitamente o motivo de inquérito, baseado apenas na desconfinça do Conselho em recusar a sua delegação.

Não há, pois, neste ponto incoerências a apontar.

Há outro ponto que o Comité Confederal não pode deixar em claro.

E' o que se refere à questão do envio de delegações junto dos organismos cujos delegados eram enviados.

Efectivamente, o delegado da Federação do Livro e do Jornal, na 1.ª reunião do Conselho e quando os delegados dos Mineiros de Aljustrel e U. S. O. do Porto, por espírito de solidariedade se retiraram, além das delegações completas dos organismos atingidos pela resolução do Conselho, alvirou oralmente que tal se fizesse.

Estabelecendo-se contudo nesse momento certa confusão no Conselho, esse alvirte nem sequer foi apreciado, não podendo, pois, ser o Conselho acusado de parcial, visto que, nem nessa, como na reunião seguinte, o seu autor insistiu na sua apreciação.

A eleição dos corpos directivos da C. G. T.

Quanto à nomeação dos corpos directivos da C. G. T., é mister não confundir os factos, nem estabelecer paralelos injustificados.

No final da segunda sessão, pretendia-se fazer a eleição, sem se atender ao expediente que estava sobre a mesa, — a resposta dos organismos atingidos e dentro das conclusões da moção da Federação do Livro e do Jornal: «até futura resposta dos ditos organismos», expediente que deveria ser apreciado nessa sessão, para depois se constituírem os novos corpos directivos.

Parta-se do princípio leal de que o Conselho é que havia recusado a entrada das referidas delegações até ulterior resposta dos respectivos organismos, respostas que já tinham chegado.

Outro tanto não sucedeu com as três Federações, que se retiraram voluntariamente do Conselho — ninguém tinha repudiado as suas delegações — e o Conselho não deveria esperar eternamente pelo seu regresso, pois se o fizesse, ainda hoje estaria na mesma situação, em presença das resoluções tomadas pelas referidas Federações, verificadas na sua nota.

Uma coisa era o Conselho não aceitar umas delegações e esperar informes dos organismos em questão, esclarecimentos que já haviam sido dados e só faltavam ser apreciados, e outra coisa é três Federações retirarem-se voluntariamente...!

Estas é que se desinteressaram dos trabalhos do Conselho, conforme declararam os seus próprios delegados, ao retirarem-se. Quando voltariam? Hoje ainda se desconhece!

Podia o Conselho estar à sua espera? Logicamente, não.

Como queriam então ser nomeados para os corpos directivos se se haviam retirado do Conselho?

É necessário não baralharmos as questões. A organização geral do país necessita conhecer de facto todos estes casos, trasladados absolutamente do que se passou. Confundir não vale. Os resultados são sempre contrários ao fim em vista: é a desorganização ainda mais profunda.

Quanto à nomeação dos três delegados em referência, para corpos directivos da C. G. T., obedeceu a este critério: O Conselho Confederal aceitando os referidos delegados, que ao tomar assento no Conselho declararam não entrar na discussão de assuntos que se relacionassem com a questão do anterior Conselho, não podia demonstrar ressentimentos de espécie alguma.

A verificarem-se, teria sido hipócrita a sua resolução.

Mas, mesmo assim, o facto dessas nomeações terem sido feitas também teve por causa quasi todos os delegados do Conselho, que nesse dia compareceram à reunião, num total de 23, serem nomeados para qualquer missão.

Apenas 6 é que não foram eleitos por terem em mente não aceitar.

Não houve, pois, propositada resolução — mas sim indistinta — como se poderia depreender da nota das três Federações.

Um caso importante a ponderar por toda a organização

A tecla que os delegados das três Federações

rações que se retiraram do conselho, mais firmaram, foi a de incompatibilidade moral. Pois bem.

Um dos camaradas atingidos é Silva Campos. Este elemento, porém, foi eleito — e num congresso — já depois de se terem dado os acontecimentos no anterior conselho confederal, há pouco mais dum mês, por 15 organismos, e apenas com uma rejeição e uma abstenção, para secretário geral da Camara Sindical do Trabalho de Lisboa.

Até agora, que nos consta, nenhum organismo protestou contra essa nomeação, e, assim, verifica-se a significativa votação do congresso.

A admitir-se a incompatibilidade moral, ela não teve influência alguma num congresso, conquanto local, e era então o Conselho Confederal que ia contra a vontade dos organismos que naquele se pronunciaram duma maneira conclusiva? E não podem vir argumentar que é a província que não quer. Se há divergências é com os organismos de Lisboa!

Isso não seria incoerência?

Não percebemos como possa haver incompatibilidade moral desse militante para com a C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa!

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T.

Mais ainda: Dentro da Câmara, está como delegado dos encadernadores, o militante António Monteiro, que dentro do Conselho Confederal, e como delegado da Federação do Livro e do Jornal, mais se indignou contra a aceitação das três delegações e mais acção desenvolveu nesse sentido.

Como pode ele trabalhar na Camara Sindical do Trabalho, com Silva Campos? Já não há incompatibilidade moral? Ou ele existe só para com a C. G. T.?

A C. S. T. não faz parte integrante da C. G. T., e não tem que estar em contacto directo e permanente com esta?

Então na C. S. T., não se poderá «cavar mais fundo e talvez irremediavelmente a ruína total do movimento operário (neste caso o de Lisboa) e no sentido de evitar já não é preciso ter armas no peito que se pretende levar a cabo, conforme nota das três Federações?»

Como se justifica isto tudo? Sintomático que quem raciocinar um pouco chegará à conclusão de que outros serão os motivos da atitude de certos elementos e não a incompatibilidade moral apregoada — motivo aparente de toda esta grave questão.

A organização que avale

Desfeitas as pretensas acções formuladas pelas Federações do Livro e do Jornal, Mobiliária e Metalúrgica ao Conselho Confederal, resta que todo o operariado organizado avale das elevadas intenções e sobretudo do espírito de tolerância, que deve sempre caracterizar a organização e respeito pela autonomia sindical, do Conselho Confederal, na solução encontrada para esta questão, demonstração do forte desejo em que está empenhado no fortalecimento do sindicalismo revolucionário, constantemente em luta com os que pretendem desviá-lo dos seus verdadeiros objectivos.

O Comité Confederal

Na Caixa Económica Operária

Uma interessante festa popular

A Caixa Económica Operária com sede na rua Voz do Operário promove no próximo sábado, uma interessante festa com o concurso do cultivador da trova popular Manuel Portugal.

O espectáculo, que principia às 9 da noite, tem o seguinte programa:

1.ª parte: Por deferência com o promotor, João Linhares Barbosa abre o sarau com um recitativo poético, como também duas palavras alusivas ao fado pelo poeta Raúl Carreira, e um acto de variedades por amadores e amadores da arte de Thalm.

2.ª parte: Variações à guitarra pelo guitarrista Salvador Freire acompanhado de viola pelo violista Georgino de Sousa. Seguindo o elenco dos mais apreciados poetas populares, José Junca, Aníbal Duarte, José Bacalhau e Albino Alves e do «Grémio Literário Amadores do Fado», os srs. José dos Santos, Manuel Ferreira e Fernando Roque; 3.ª parte: Tangendo a sua guitarra em diversos trechos do fado far-se-há ouvir a gentil menina Virginia Peres acompanhada à viola por seu pai, Amadeu Peres, fazendo-se ouvir de seguida os cultivadores Raúl Pinto, Alfredo dos Santos, José Júlio, Raúl Jacob, Estanislau Cadoso, Mário Martins e Vitorino Luis.

4.ª parte: Variações à guitarra pelo apreciado dedilhador Francisco Barata, acompanhado à viola por Júlio Correia.

Continuando a Canção Nacional por Joaquim Campos, Raúl Brinquel, Júlio Proença, Raúl Ceia, Alfredo Duarte, Arnaldo Tavares, Reinaldo Varela, e no género jucoso far-se-há ouvir o apreciado poeta Armando Barata e os cultivadores do mesmo género José Ribeiro, Carlos Ribeiro e Joaquim de Lima.

Os acompanhamentos serão feitos para o fado pelos srs. Américo dos Reis, Domingos Gomes e Francisco Pereira da Silva, guitarristas, acompanhados pelos seus violas srs. José Mendes, Américo Moita e Joel Barradas.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 5

A JORNADA DE SEIS HORAS

Do Inquérito à produção, realizado pela Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações, poderemos destacar numerosos elementos em favor da tese, por nós defendida, sobre a grande capacidade produtiva da técnica moderna com um pessoal cada vez mais reduzido.

Ninguém se esqueça da quantidade de operários de que necessitava a navegação a vapor. Por exemplo, o desenvolvimento constante da navegação a petróleo, o pessoal necessário torna-se diminuto. E com a moderníssima aplicação da electricidade nos navios, muito mais decresceu a necessidade de pessoal.

Demonstremos. Um vapor com 24 caldeiras exigia 18 fogueiros, 18 ajudantes e 6 azeitadores. Com a aplicação do petróleo, apenas exige 6 fogueiros, 3 ajudantes e 3 azeitadores. Verifica-se a economia de 30 operários, sem contar o pessoal de carga e descarga do carvão. Nos barcos de máquinas eléctricas, certamente, deve ser mais acentuada a redução do pessoal.

Sabe-se também que a electrificação dos caminhos de ferro progride sem cessar. E sabe-se ainda que um comboio eléctrico necessita muito menos de pessoal do que um comboio a vapor.

Só com a aplicação de freio automático de ar comprimido, ficaram desempregados nos comboios de mercadorias da Baviera 1.500 guardas dos 2.400 que existiam, além de várias centenas de inspectores.

O espectáculo que mais tem podido advertir a atenção das multidões é o dos modernos portos ou cais de cargas e descargas. Não há muitos anos, formigavam ali os estivadores; agora, em seu lugar, apenas se deparam monstruosos braços de ferro, que realizam o trabalho de centenas de operários em poucas horas, sem precisar mais de quatro ou cinco pessoas para a sua função.

Para descarregar 6000 toneladas de cereais durante setenta e cinco dias, 150 operários eram necessários, ou oito dias. Actualmente um moderno guindaste faz o mesmo trabalho em 20 horas e com 12 a 15 pessoas.

E a carga e descarga de metais? Uma só ponte de descarga, com um guincho, realiza em uma hora o que antes faziam 24 operários numa jornada de dez horas. Em sete minutos, descarregou um guincho magnético (segundo *Taten der Feknik*, por Hans Guenther) um vagão de varetas de aço, trabalho que, outro tempo, exigia o esforço de quatro homens durante cinco horas.

O físico Hans Guenther descreve no seu livro *Taten der Feknik* algumas maravilhas de técnica moderna. Eis um dado: para des-

carregar 2000 toneladas de ferro em bruto de um vapor necessitava-se de 28 operários durante 48 horas, descarregando, pois, cada homem, tonelada e meia por hora. Com um guincho magnético de 160 centímetros, que não reclama mais de duas pessoas, a descarga de 2000 toneladas de ferro em bruto efectua-se em 11 horas, levando o barco ao depósito e acondicionando-o devidamente.

Em todos os ramos de actividade se observa o mesmo progresso técnico e a mesma diminuição da necessidade do esforço humano.

Nas minas de carvão de Illinois (Estados Unidos), havia, em 1912, aproximadamente, 37.000 mineiros a picareta e 16.000 à máquina. Em 1923, sua existência era, respectivamente, 21.500 e 43.000.

Na indústria de instrumentos ópticos, ramo que exigia uma larga aprendizagem, verificamos igual fenómeno. Por exemplo, a produção de uma lente de boa qualidade, para óculos de grande alcance, um operário com oito anos de prática demorava-se quatro horas. Com os modernos aparelhos mecânicos, igual trabalho executa um operário de escassos conhecimentos em 30 minutos.

O secretário da federação inglesa de vidreiros, John Thompson, num volume sobre a história da indústria do vidro, diz-nos que em 1914 havia em Inglaterra cinco máquinas Owen para fabricar garrafas. Em 1924, o número era de 24 e, ao mesmo tempo, a produtividade dessas máquinas tinha-se quintuplicado, pelo menos, podendo calcular-se a produção anual, com essas máquinas, em 275.000.000 de garrafas. Mas, nos Estados Unidos, há máquinas que permitem fabricar diariamente mais de 50.000 garrafas. Calcule-se a grande percentagem de braços desocupados que essas inovações provocam.

Mais palpável ainda é o facto de a transição da jornada de 12 ou 14 horas para a de 8 horas, não significou, de maneira alguma, um decréscimo da produção. Pelo contrário: actualmente, produz-se muito mais em 8 horas do que, há vinte anos, com 12 ou 14 horas.

Há razões para predir que uma nova diminuição da jornada não afectaria, sequer, no mínimo, a produção.

Mais deveremos reear que uma vasta aplicação da moderna técnica volta a originar, com demasiada rapidez, a mesma «super-produção» actual. A capacidade produtiva aumenta, no tempo que decorre, muito mais velozmente do que a capacidade de consumo.

Continua

VALENÇA DO MINHO Impressões de visita a um sindicato

VALENÇA DO MINHO, 6. — Vimos em breves palavras dizer as impressões que colhemos quando, há dias, fomos junto do sindicato da Construção Civil de Valença, em missão de propaganda sindical, esperando que os camaradas daquela terra aproveitem as considerações de um estranho feitas quasi só para eles.

Assim, principiaremos pela sede sindical que está instalada num esplendido rés-do-chão, ao qual chamáramos salão se quisermos diminuir um pouco o valor do vocabulário, pelo que lhe chamamos sala, mas das mais espaçosas, e por conseguinte boa para o fim que tem em vista.

Encontra-se, porém, um tanto ou quanto desordenada, necessitando dumas raparagens no sobrado e nas paredes. Depois de isto feito será umas das melhores sedes que conhecemos, o que acontecerá breve, pois constou-nos que alguns camaradas já estão encarregados de, nas suas horas vagas, a tal procederem.

Nos outros momentos que privámos com os militantes pudémos constatar que são, na maioria, camaradas dedicados, dispostos a tudo para que o sindicato tenha o desenvolvimento indispensável a um bom balarie sindical e possa cumprir a sua dupla missão: luta contra o capital e educação revolucionária dos seus membros, preparando-os para a sociedade futura.

E' preciso que dediquem o máximo tempo ao estudo, valorizando a sua personalidade com os conhecimentos necessários e indispensáveis aos revolucionários de hoje, tornando-se aptos, não só para a propaganda entre as massas, como também para desfazer as insidias que em todas as partes a burguesia levanta contra a organização operária.

Que os mais instruídos se esforcem por fazer compreender a esses operários que passam os domingos na taberna jogando as cartas, a nocividade do alcool e do jogo, mostrando-lhes os mil exemplos de ontem e de hoje. Em lugar de gastarem o dinheiro e o tempo em distrações perniciosas, empreguem-nos antes no aperfeiçoamento do seu sindicato, fornecendo-o duma boa biblioteca onde possam instruir-se e educar-se.

Como um dos melhores meios de reacção à taberna é a escola, lembramos a comissão administrativa a conveniência que existe de o sindicato pôr uma a funcionar na sede, caso existam possibilidades.

Eis, resumidamente, exposto o que verificámos em algumas horas que nos delivramos em Valença e a terapêutica que entendemos mais necessária para que terminem diversas anomalias, com o que lucraria toda a organização operária e mormente a daquela localidade.

J. Augusto de CASTRO

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

O advogado do Conselho dr. Sobral de Campos, dará hoje consulta jurídica às 21 horas aos operários confederados que de tal caregam, mediante a apresentação da caderneta confederal.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batalha.

Vida Sindical

Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão administrativa Reúne hoje, às 21 horas.

Convocações

PARA HOJE

Federação da Construção Civil. — A fim de apreciar o relatório da delegação nomeada pela penúltima reunião da Federação, pelas 21 horas o Conselho Confederal.

Cabouqueiros e Fabricantes de Cal. — A assembleia geral extraordinária, pelas 21 horas, para assunto de grande importância.

Federação do Livro, do Jornal e Similares. — O secretário, às 21 horas.

Federação Ferroviária. — A Comissão Executiva deste organismo à hora do costume, para tratar de vários assuntos pendentes da última reunião.

Pessoal do município. — Tomam hoje posse, pelas 21 horas, os corpos gerentes nomeados na assembleia de 7 do corrente. Pede-se a comparencia de todos os camaradas, a fim da nova comissão poder desempenhar-se da sua missão.

Federação Marítima e Fluvial. — Pelas 19 horas a comissão administrativa.